

EMOÇÃO E REBELDIA: FORMAÇÃO DE GIBITECAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR.

Legislação oportuniza a estruturação de bibliotecas em todas as escolas brasileiras, onde os acervos de histórias em quadrinhos farão o papel vital de atrair e formar novos leitores.

Área Temática III: *Políticas de Informação, Multiculturalidade e Identidade Cultural*

Valéria Aparecida Bari

Coordenadora Departamental. Núcleo de Ciência da Informação – Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal de Sergipe – NUCI/CCSA/UFS , <http://www.ufs.br/>, Campus São Cristóvão, Administração Acadêmica I, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Av. Marechal Rondon, s/n, Jd. Rosa Elze, São Cristóvão-SE, Brasil, CEP; 49100-000, (79) 2105-6822.

Waldomiro Vergueiro

Professor Titular. Departamento de Biblioteconomia e Documentação – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – CBD/ECA/USP, <http://www3.eca.usp.br/cbd> , Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária - São Paulo-SP, Brasil, CEP 05508-020 , (11) 3091-4107

RESUMO

Discute a implantação das bibliotecas escolares e da *Gibiteca Escolar*, sob o advento da recentemente promulgada *Lei da Universalização da Biblioteca Escolar*, como importante aliada na formação de leitores e enriquecimento da leitura escolar. Despertando o interesse pela leitura, as histórias em quadrinhos desenvolvem a emoção na leitura, que cria vínculos leitores por toda a vida, ao mesmo tempo que preservam a ludicidade infantil e a rebeldia adolescente, sendo um potente recurso de letramento disponível para professores e bibliotecários atuantes na leitura escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Histórias em Quadrinhos – Educação; Leitura Escolar; Formação do Leitor; Políticas Públicas – Leitura.

INTRODUÇÃO

Em 1967, o educador e literato brasileiro Antônio D'Ávila¹ publicava em seu manual denominado *Literatura infanto-juvenil*, considerações extremamente preocupantes sobre a leitura de histórias em quadrinhos por crianças. Dizia que atrofiavam a mente e condenavam os jovens leitores. D'Ávila correspondia à influência internacional dos estudos do psiquiatra alemão Fredric Wertham, compilados em seu livro, *Seduction of the Innocent*, obra publicada nos Estados Unidos no ano de 1954.

É importante salientar que, na época de Wertham, a televisão estava em seus primórdios e o rádio tinha a sua programação voltada para o público adulto, assim como grande parte da literatura e dos jornais, legando ao lazer infantil os jogos infantis e, claro, as revistas em quadrinhos. Assim, bons meninos de famílias abastadas e crianças marginalizadas socialmente por vários motivos tinham o mesmo tipo de lazer e capital intelectual, o que foi visto com maus olhos pela intelectualidade elitista da época.

Por cerca de meio século, educadores e profissionais correlatos empenharam-se em aprimorar as práticas pedagógicas e oportunizar a formação de leitores em todo o mundo, concretizando o ideal da educação universal, por meio de acertos e erros. Felizmente, as chamadas “propriedades deletérias” das histórias em quadrinhos, em relação à formação do leitor, foram comprovadamente um equívoco perpetuado nesse esforço. Paulatinamente, educadores e profissionais da informação estão abraçando as iniciativas de constituir acervos e práticas pedagógicas enriquecidos de ludicidade e com hibridização de linguagens e suportes, das quais as histórias em quadrinhos têm participado com frequência cada vez maior.

Assim, a nova ênfase da educação e das atividades paradidáticas não se limita ao processo compreendido como alfabetização, sendo atualmente acrescida da formação do leitor, que gosta, compreende, redige, multiplica sua

¹ Antônio D'Ávila (1903-1989), pedagogo com Livre Docência pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, dedicou-se a publicação de inúmeros manuais, voltados para a prática pedagógica brasileira, com ênfase na atualização e incorporação das aproximações teóricas, técnicas, princípios filosóficos e orientações de caráter mais progressista, concentrando sua produção bibliográfica nas décadas de 1930 a 1960. Sua significativa produção escrita expressa o compromisso com a formação de professores no Brasil, sobretudo no ensino fundamental.

leitura, no processo que constitui o **letramento**. Duas categorias profissionais encontram-se progressivamente envolvidas nos processos sociais de letramento, o professor e o bibliotecário. A função social desses dois profissionais no Brasil passa por um momento de aproximação muito especial.

Finalmente, a Lei nº. 12.244, de 24 de maio de 2010, dispõe sobre a *Universalização da Biblioteca Escolar*. Considerando os pontos assinalados, este trabalho busca refletir sobre os efeitos dessa legislação no universo bibliotecário nacional, bem como sobre o papel das histórias em quadrinhos na proposição de novas alternativas de leitura e lazer.

1 A UNIVERSALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A nova legislação estabelece um plano decenal de implantação de Bibliotecas Escolares, de qualidade e com disponibilidade de serviços para estudantes e comunidade escolar, que cobrirá as lacunas na prestação desse importante serviço aos estudantes brasileiros. Assim, sabendo-se de antemão que a leitura não está inserida nos costumes de grande parte das famílias brasileiras, é imprescindível a articulação entre professores e bibliotecários para que esta estruturação seja mais que uma medida burocrática.

Esta grande conquista abre uma oportunidade preciosa no letramento da juventude brasileira, extremamente carente de equipamentos públicos voltados para a formação de ambientes de leitura, seja escolar ou de lazer. Na verdade, além da ambientação em ótimas bibliotecas, a leitura escolar deve transcender os espaços e funções curriculares, para se integrar à vida cotidiana do leitor novato. Isso implica uma revolução social, que exige uma argumentação e um atrativo de grande potência, que inclua a emoção e a rebeldia nas energias envolvidas no ato de ler, criando vínculos com a leitura que se perpetuam por toda a vida. Felizmente, a leitura escolar pode contar com este atrativo revolucionário: o das histórias em quadrinhos.

A linguagem híbrida das histórias em quadrinhos suaviza os primeiros contatos com a leitura, sendo também igualmente interessante para leitores em

diferentes níveis de letramento. Isso facilita a troca de informações e o estabelecimento de uma cultura leitora entre estudantes, que eventualmente inclui professores e bibliotecários. Os enredos possíveis, sem limitações, constroem mundos de imaginação que têm muito a ensinar aos leitores, por meio de analogias com a realidade, recriações das já consagradas lendas e mitologias presentes nas diferentes culturas, agora inseridas de elementos gráficos que ajudam a estabelecer identificação de personagens e ciclos de enredo.

A formação do gosto pela leitura, essencial para o letramento, é facilitada pela criação de **situações de leitura cotidiana**, principalmente quando as mesmas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isto descaracteriza um momento de lazer. Assim, a disponibilização das histórias em quadrinhos ao leitor novato e a facilitação de sua circulação, em ambientes como o lar e a comunidade, é extremamente importante na familiarização, repetição e reforço de conteúdos escolares de alfabetização, sob um ângulo de entretenimento. A formação do hábito leitor vem da familiaridade; o prazer é uma mistura desta familiaridade com um nível de letramento que permite uma leitura descontraída. O gosto é o estabelecimento de preferências personalizadas por um elenco de gêneros e autores, que imprime elementos de identidade ao hábito de leitura.

A formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler, ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura. Essa relação emocional tem teor eclético, ou seja, cria leitores que apreciam todos os tipos de leitura, da mais popular a mais erudita. Comprovadamente, a leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida. (BARI, 2008: *passim*)

O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não se explorou o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de

discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos. Uma boa opção seria a incorporação da leitura e da produção infantil das histórias em quadrinhos nas diferentes práticas pedagógicas, acompanhando a disponibilização das mesmas no acervo da biblioteca escolar.

2 A FORMAÇÃO DA GIBITECA ESCOLAR

A princípio, pequenos acervos de salas de leitura escolar, caixas-estante ou outros acervos de uso público podem ser providenciados, com baixos custos, para disponibilizar revistas e álbuns de histórias em quadrinhos. Quase todo tipo de público se agrada de uma boa leitura incidental, e as histórias em quadrinhos cumprem plenamente esse papel.

Crianças e jovens também podem levá-los em suas mochilas, para ler pelo trajeto escolar, em suas casas ou na vizinhança, sem que a perda de uma revista represente um grande prejuízo. É claro que, nessa situação inicial, não é necessária a patrimonialização desse trecho do acervo, que será voltado ao consumo. O que se pode e deve verificar é o teor das revistas compradas ou doadas e sua adequação ao grupo social servido, o que é trabalho do bibliotecário ou do gestor desse pequeno acervo e não deve ser delegado a ninguém em situação posterior ao empréstimo do material.

A legislação atual propicia que, no período de uma década, a unidade de informação escolar já seja uma biblioteca, com bibliotecário e equipe adequada, em espaço apropriado, constituída em uma modalidade específica e que deve fazer a adequada gestão do acervo e da informação nele contidos.

A equipe bibliotecária que deseje desenvolver uma coleção setorial de histórias em quadrinhos na biblioteca escolar, a que chamaremos de *Gibiteca Escolar*, seguindo essa tendência, deve verificar uma série de premissas, para que não se desperdice o precioso tempo e os recursos financeiros e humanos sem garantia dos efeitos esperados.

Primeiramente, é preciso definir se a biblioteca dispõe de fundos em quantidade suficiente para projetar uma *Gibiteca Escolar* própria, ou possui uma dotação orçamentária para adquiri-lo e renová-lo periodicamente, sabendo-se de

antemão que grande parte dos títulos de histórias em quadrinhos é de publicação periódica e será passível de assinatura. Também é necessário compreender qual parte do acervo será destinada à conservação e qual será previamente destinada ao consumo, pois os serviços prestados por meio dos exemplares serão bem diferentes.

3 TIPOS DE PÚBLICO NA GIBITECA ESCOLAR

Uma das variáveis mais importantes na decisão de como será formada a *Gibiteca Escolar* se refere aos grupos sociais que se pretende atender com prioridade. Para ilustrar essa afirmação, falaremos dos segmentos mais comuns, ajudando a estabelecer parâmetros.

No caso do público infanto-juvenil, a *Gibiteca Escolar* possui um enorme potencial para a alfabetização, formação de hábitos e gostos dos leitores, além de propiciar as primeiras formas de expressão livre em suporte bibliográfico, pois estimula seus leitores a produzir e intercambiar entre os amigos as suas próprias histórias. A gestão desse acervo tem de ser voltada para a criança, com muito cuidado na seleção de acervo, pois se enganam aqueles que imaginam que toda história em quadrinhos é feita para crianças. Na verdade, temos constatado que quase 70% da produção é voltada para o público maior de dezesseis anos, com conteúdos de violência e outros conteúdos desaconselháveis às mais tenras faixas etárias, sendo que isso é uma tendência na produção brasileira desde o séc. XIX.

Assim, a exemplo da velha anedota sobre a classificação da obra *Raízes do Brasil*, de Aurélio Buarque de Hollanda, em “Botânica”, no acervo da *Biblioteca Nacional*, é preciso que o bibliotecário responsável **leia** a história em quadrinhos de olhos bem abertos, não se conduzindo apenas pelo seu título, antes de incorporá-la ao acervo.

Porém, a grande necessidade nacional da educação de jovens e adultos traz consigo a necessidade da constituição de uma *Gibiteca Escolar* com leituras mais maduras, justamente para que seu forte atrativo auxilie na aceleração do letramento dessa parcela da população. Nesse caso, é necessário

compartimentalizar os espaços de consulta e leitura de forma muito bem subdividida, além de redobrar os cuidados na seleção de títulos. Para o caso de títulos que interessem a ambas as faixas etárias, é necessário que os exemplares estejam presentes em ambos os acervos, evitando-se que a criança busque seu gibi no acervo adulto.

No caso da *Gibiteca Escolar* infanto-juvenil, normalmente não será enfatizada a questão da conservação, a não ser no caso de álbuns de luxo, de difícil reposição por questões de custo. Normalmente, é prevista uma vida relativamente curta para os exemplares, que devem sofrer descarte por degeneração sem preocupações com a reposição. Como em qualquer caso de descarte, é aconselhável que seja devidamente sinalizada a situação do material, por meio de carimbos próprios, e que a retirada se dê por meio de doação a ONGs de reciclagem, mediante recibo especificado em metros cúbicos de papel.

A *Gibiteca Escolar* voltada exclusivamente para o público adulto será, com certeza, motivo de muito sucesso e surpresas agradáveis na biblioteca escolar, pois atrairá grupos sociais diferenciados para leitura. Trabalhando de uma forma mais qualitativa e com menos censura, o bibliotecário poderá desenvolver uma coleção de boa qualidade, que funcionará com um nível de desgaste bem menor que a infanto-juvenil.

No caso da *Gibiteca Escolar* de adultos, a preocupação com a questão da preservação é um pouco maior, mas jamais deve comprometer a leitura (objetivo primordial dessa coleção). Assim, aconselha-se que sejam adquiridas duplicatas para destinar ao empréstimo, sendo que o exemplar principal pode ser lido no espaço destinado à consulta local.

Essa área de leitura é indispensável à formação da *Gibiteca Escolar*, já que a relação do leitor com a revista é mais ligeira do que em outros tipos de consulta e empréstimo. A situação normal é a de que os leitores se habituarão a permanecerem algumas horas por semana na *Gibiteca Escolar*, para a leitura de alguns títulos, levando outros de sua preferência para a leitura residencial. Esse fator é “mágico” na absorção de uma postura de leitura concentrada, pois os ambientes sociais da atualidade são permeados de muita comunicação e ruídos, dificultando a leitura atenta aos neófitos.

4 SELEÇÃO E AQUISIÇÃO NA GIBITECA ESCOLAR

No caso das revistas e álbuns de histórias em quadrinhos, o material brasileiro é de ótima qualidade e, do ponto de vista das histórias voltadas ao público infantil, pode ser considerado atualmente um dos melhores do mundo. Isso se explica pela extinção internacional da produção das histórias em quadrinhos dos estúdios Disney e Hannah Barbera, grandes responsáveis por essa forma de entretenimento no passado. Ao mesmo tempo, tivemos um florescimento de autores como Maurício de Sousa, Ziraldo e outros, que inclusive aprofundaram o compromisso com a sociedade em relação ao uso pedagógico e a contemplação cultural e social brasileira.

Assim, a aquisição de material brasileiro vai ser proporcionalmente maior em relação ao tipo de público infantil, chegando até 30% da aquisição nesse caso. Para os adolescentes, a produção é bem menor, heterogênea e com características incorporadas do *Mangá*, mas igualmente interessante.

A produção de histórias em quadrinhos na Europa é diferenciada do modelo norte-americano, geralmente constituída de álbuns refinados, muitos deles com capa dura, papel encerado e completamente coloridos. As traduções brasileiras e portuguesas têm respeitado as características dessas edições na atualidade, sendo normalmente encontradas em grandes redes de livrarias. Como são geralmente muito caros, irão constituir uma parte pequena das aquisições, o que não significa menor valor na questão da composição do acervo. Eles possuem a vantagem da durabilidade e, por uma questão mercadológica, normalmente são de excelente qualidade. Geralmente, tanto para o tipo de público infanto-juvenil quanto para o adulto, ficará em torno de 20% da aquisição.

Os quadrinhos japoneses, geralmente em formato *Mangá*, são os de aquisição mais trabalhosa. As séries publicadas no Brasil são muitas, mas nem todas com a qualidade desejável num acervo escolar, o que vai demandar um trabalho de seleção muito criterioso do bibliotecário. No entanto, a recompensa será proporcional. Serão certamente os exemplares de mais difícil aquisição e

representação, mas serão os mais procurados pelo público adolescente, principalmente entre os praticantes de *Cosplay*².

A questão da língua em que a história em quadrinhos está escrita, quando não se trata de um filo linguístico oriental, é secundária em relação à fruição da leitura coletiva. Isso ocorre pelas mesmas razões que motivam os usuários da Internet a se apropriar de diferentes conteúdos: as linguagens híbridas abrem inúmeras possibilidades cognitivas, fazendo com que um grande número de pessoas, independentemente da faixa etária ou nível de formação, aprenda línguas estrangeiras durante o ato da leitura. O hibridismo visual-verbal das histórias em quadrinhos é perfeito para a apreensão e fixação de conteúdos linguísticos, principalmente em seus aspectos coloquiais. Assim, podem-se adquirir tranquilamente histórias em quadrinhos em diversas línguas, para compor acervos de diferentes *Gibitecas Escolares*, e os professores de línguas estrangeiras serão muito auxiliados por esse material.

No caso da reposição de exemplares descartados, as possibilidades são muito pequenas. O mais sério complicador é referente ao tamanho das tiragens, que normalmente não possuem grandes encalhes e geralmente não são armazenadas por mais de dois anos em suas editoras. Para profissionais que estão acostumados a lidar com a reposição de livros, essa é uma tarefa inglória. De fato, a peculiaridade do desenvolvimento da coleção de uma *Gibiteca Escolar* é a relação de propriedade transitória e a volatilidade dos suportes, em um nível muito maior do que qualquer outro material, inclusive se tratando de publicações periódicas.

5 SERVIÇOS INFORMACIONAIS NA GIBITECA ESCOLAR

A consulta referencial na *Gibiteca Escolar* deve contar com um indivíduo ou equipe de bibliotecários, auxiliares e estagiários que realmente gostem e se interessem pelas histórias em quadrinhos. Normalmente, serão questionados

² *Cosplay* (em japonês: コスプレ *Kosupure*) é abreviação de *costume play* ou ainda *costume roleplay* (ambos do inglês) que podem traduzir-se por "jogo de disfarces" ou "jogo de fantasias", ou ainda "jogo de trajes", e tem sido utilizado no original, como neologismo, conquanto ainda não convalidado no léxico português (COSPLAY, WIKIPEDIA, 2010).

sobre personagens específicos, séries, fases, famílias de super-heróis, entre outras especificações que não se encontram elencadas com facilidade para não-leitores. As histórias em quadrinhos, além de desenvolver o letramento da juventude, trazem consigo uma cultura própria, que não está acessível de forma externa ao fenômeno da leitura (PUSTZ, 1999: *passim*).

A *Gibiteca Escolar* sempre deve dispor de uma área de leitura, pois grande parte de seus usuários apreciará uma permanência mais longa ao lado do acervo. Como a leitura se dá de forma individualizada, assim devem se pensar os postos. Mesas longas e sempre retangulares, que podem ser mais estreitas do que as de estudos, são as ideais para espaços restritos. Quando há disponibilidade, também se podem acomodar mesas pequenas, poltronas e algumas pranchas inclinadas para álbuns maiores. Quando a *Gibiteca Escolar* é infanto-juvenil, um tapete com almofadas também é convidativo para o momento da leitura.

O empréstimo é uma excelente prática, conhecendo-se de antemão os efeitos da circulação dos exemplares, por meio da criação de situações de leitura cotidiana, que impregnam de leitura de lazer muitos outros ambientes sociais de convívio e melhoram a cultura da sociedade. Assim, é saudável o planejamento que prevê a duplicação de acervo estratégico para uso referencial, sendo que um dos exemplares nunca sai do acervo, assim como é possível projetar que certos títulos tenham uma vida útil e desapareçam quando deteriorados. Ou seja, não se pode esperar a preservação de nenhum exemplar de histórias em quadrinhos sujeito à circulação e isso tem de estar bem claro na gestão da *Gibiteca Escolar*.

6 AÇÃO CULTURAL NA GIBITECA ESCOLAR

Certamente, a dimensão pictórica das histórias em quadrinhos é a que mais abre portas para toda a natureza de ação cultural na *Gibiteca Escolar*.

A experiência obtida nos eventos de animação cultural literários é plenamente aproveitável na *Gibiteca Escolar*, como por exemplo a leitura dramática, a exibição de festivais de filmes inspirados nas histórias em quadrinhos, as palestras com autores, os concursos de redação. A diferença se

faz quando essas atividades se fazem acrescentar pelo imagético e toda a carga imaginária que ele possui.

Na *Gibiteca Escolar*, todo evento tem a potencialidade de agregar festivais de concursos de fantasia, hoje consagrados pelos grupos sociais praticantes de *Cosplay*, mas muito atraentes para crianças e toda a ordem de leitores. A vantagem do *Cosplay* sobre outras modalidades de festivais, como os de *Roleplay Games* em geral, é que os seus praticantes também praticam o canto, dança e imitações muito divertidas, usando como fonte os *Animes*³.

Quanto ao desenho e a pintura, eles têm espaço garantido na ação cultural da *Gibiteca Escolar*. Oficinas do gênero são muito bem frequentadas, assim como têm o potencial de gerar belas exposições para ornar os espaços adequados da instalação da biblioteca.

Para as crianças, datas comemorativas podem ser revestidas da “fantasia dos quadrinhos”. Além das atividades ligadas às brincadeiras, jogos e pinturas com o aproveitamento de diferentes personagens, também existe a possibilidade da atuação de grupos de contadores de histórias, que aplicarão as técnicas do teatro e da expressão corporal do “descerramento” da leitura infantil das histórias em quadrinhos.

A criança precisa brincar, aprende brincando, mas também aprende recriando as atitudes dos mais experientes e adultos. Assim, a animação cultural infantil pode valer-se de inúmeros subterfúgios, mas deve ter o momento da leitura direta no papel como um dos momentos importantes do evento. Como no caso do livro infantil, também é possível ler com entonação e exhibir as vinhetas, para que todos observem qual é a fonte de tanta diversão, que pode ser acessível a todos.

Finalmente, é preciso salientar que toda a ação da gestão do acervo da *Gibiteca Escolar* é uma ação eminentemente cultural, que faz por si só uma propaganda altamente contagiante e positiva do acervo da unidade de leitura pública na qual se insere. Ou seja, há um grande investimento e, certamente,

³ **Anime**, (em japonês: アニメ *anime*, literalmente, *desenho animado*) é qualquer animação produzida no Japão. A palavra *anime* tem significados diferentes para os japoneses e para os ocidentais. Para os japoneses, anime é tudo o que seja desenho animado, seja ele estrangeiro ou nacional. Para os ocidentais, anime é todo o desenho animado que venha do Japão (ANIME, WIKIPÉDIA, 2010).

muito trabalho, na criação e manutenção de um acervo de histórias em quadrinhos, mas é necessário pensar nos altos benefícios de todo esse esforço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gosta de ler. Ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura.

Neste momento histórico brasileiro, no qual as políticas públicas oportunizam cada vez mais a democratização da educação e a apropriação de bens culturais, temos uma oportunidade única de promoção de leitura na infância e adolescência. A introdução de acervos de histórias em quadrinhos na *Biblioteca Escolar*, ou mesmo a abertura da *Gibiteca Escolar*, transmite a simpatia das histórias em quadrinhos aos ambientes de intencionalidade educativa, potencializando os esforços de bibliotecários e educadores na formação do leitor novato, num processo repleto de emoção e rebeldia.

REFERÊNCIAS

- ANIME. In: *WIKIPÉDIA*, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Anime&oldid=25653562>>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- BARI, Valéria Aparecida ; VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos para a formação de leitores ecléticos: algumas reflexões com base em depoimentos universitários. *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo: Paulinas, v. XII, n.1, p.15-24, jan-abr 2007.
- BARI, Valéria Aparecida. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2008. (Tese de Doutorado).
- BARI, Valéria Aparecida. Dimensão social das bibliotecas públicas no Brasil, trabalhando para o pleno exercício da cidadania. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*. Nova série. São Paulo: FEBAB, n. 1, v. 2, p. 86-95, 2000.
- COSPLAY. In: *WIKIPÉDIA*, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cosplay&oldid=24751890>>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- D'ÁVILA, A. *Literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1967.
- PUSTZ, Matthew J. *Comic Book Culture*. Mississippi: University Press/Jackson. New York: Perennial, 1999.
- WERTHAN, Fredric. *Seduction of the innocent*. New York: Rinehart, 1954.